

EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL INDÍGENA NA AMAZÔNIA: DESAFIOS ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-295>

Data de submissão: 28/02/2025

Data de publicação: 28/03/2025

Genivaldo Frois Scaramuzza
Doutor em Educação (UCDB)
E-mail: genivaldo@unir.br

Simone Alves Scaramuzza
Doutora em Educação (UCDB)
E-mail: simone.scaramuzza@unir.br

Jeferson Bevóhv Gavião
Graduando em Educação Intercultural (UNIR)
E-mail: jefersongaviao@gmail.com

RESUMO

A pesquisa foi realizada junto aos Povo Ikolen habitantes da Terra Indígena Igarapé Lourdes do município de Ji-Paraná. Buscou compreender o desenvolvimento da educação e seus desafios na constituição da interculturalidade em tempos de Covid-19 na educação Terra Indígena Igarapé Lourdes, principalmente como as práticas escolares em sua relação com o Estado se articula nas identidades/diferenças indígenas. A partir de uma perspectiva qualitativa, usando como recurso de produção de dados a Entrevistas semiestruturada, o estudo mostrou a pouca atuação do Estado para a superação das dificuldades enfrentadas na escolarização indígena, transmitindo em muito momento a ideia de abandono dessa educação.

Palavras-chave: Interculturalidade. Educação. Povos Indígenas. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

A temática em questão, ou seja, conhecer o desenvolvimento da educação escolar na Terra Indígena Igarapé Lourdes em tempos de COVID -19 articulado as temáticas das identidades e diferença indígenas são os principais elementos que a pesquisa em tela busca investigar. O campo da cultura tem sido apontado como preponderante no que se refere a constituição das identidades e diferenças. Esses elementos formam a base principal das teorias pós-crítica em educação, principalmente porque a cultura “[...] é central para a compreensão das realidades da educação e dos currículos, bem como para entender os processos de construção das identidades/diferenças, sempre imersas em relações de poder” (BACKES, 2015, p. 111-112). Ao argumentar a favor da cultura, alguns estudos, entre eles os desenvolvidos especificamente por Hall (1997) entre outros, tem colaborado com o campo da educação na medida em que possibilitam reflexões sobre como a escola é um lugar privilegiado para a construção de identidades/diferenças. Neste contexto é que se pensa a possibilidade de compreender as bases nas quais as práticas escolares voltadas para as escolas indígenas, sugerem indícios de interculturalidade ao que sustentam relações dialógicas com o grupo em questão.

Entendemos que o momento atual requer olhar para as forças que desafiam a qualidade e continuidade da educação escolar, sendo que para os povos indígenas essa educação é muito mais desafiadora. Assim, levantar o atual momento de forma a expor seu funcionamento em termos de uma educação escolar, parece ser importante, principalmente porque há ausência de estudos que busque mapear os desafios escolares interculturais da atualidade.

1.1 OBJETIVOS

- Dialogar com professores e comunidades indígenas da Terra Indígena Igarapé Lourdes no sentido de compreender quais são as percepções inerentes a este momento histórico atravessado pela educação indígena;
- Levantar e problematizar as principais leis, regulamentos ressententes e demais orientações públicas oficiais que consideram a educação diferenciada buscando vislumbrar relações com o enfrentamento da educação escolar neste momento histórico de COVID-19.

2 METODOLOGIA

A pesquisa em tela se constitui a partir da perspectiva qualitativa. A pesquisa qualitativa “[...] representa um processo permanente, dentro do quadro que define constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa” (REY, 2005, p. 81). Para este autor, existe uma construção humana e, como produção, não está disponível para ser descoberto, o

conhecimento é produzido. No sentido de melhor compreender as etapas da pesquisa, faremos uma breve exposição a respeito dos passos e concepções metodológicas, especificamente o Levantamento de estudos já existentes, os estudos teóricos, as entrevistas e observações de campo.

Etapa 01 – No primeiro momento foi feito um levantamento de referências bibliográficas abordam a questão da escolarização indígena e suas fragilidades intensificadas pela Pandemia de Covid-19. Neste aspecto, concentrarmos os estudos em três textos que após análises entendemos ser pertinentes a questão. O primeiro material que fizemos o estudo foi o texto “O impacto da pandemia na educação escolar indígena da Aldeia Limão Verde no município de Aquidauana, MS” de Fialho; Santos; Nascimento (2021). Os autores em tela buscaram investigar “as dificuldades vivenciadas na educação escolar indígena no contexto das mudanças das aula presenciais para aulas remotas e verificar como as Tecnologias da Informação e a Comunicação estão sendo utilizadas por professores e alunos em tempos de pandemia” (p. 33). Assim, conhecer como no Estado de Mato Grosso do Sul as realidades indígena se assemelham de alguma forma com as realidades de Rondônia foi importante para analisar a amplitude dos desafios da escola indígena. Outro material que foi feito a leitura, refere-se ao texto: “Educação Escolar Indígena e Pandemia da Covid-19: Percepções de uma Professora da “Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu” de Costa; Trindade; Bezerra (2022). As autores deste material expressam que:

objetivo analisar as percepções de uma professora, que atua na Educação Escolar Indígena (EEI), sobre o processo de ensino-aprendizagem no Ensino Remoto Emergencial (ERE) implementado durante a pandemia da COVID-19. O ensino está ocorrendo de maneira delicada e frágil, principalmente pela falta de energia elétrica, computadores e internet nas comunidades indígenas, o que impede uma comunicação e interação satisfatória entre estudantes e professores (as), sendo necessário recorrer ao uso de apostilas com atividades impressas, como metodologia de ensino. (COSTA; TRINDADE; BEZERRA, 2022, p. 2).

Outro material que foi importante para a pesquisa, refere-se ao texto “Impactos da Pandemia na Educação Escolar Indígena” de autoria de Lima; Santos (2022). Para os autores em questão, na pesquisa realizada foi observado “a existência de restrições nos recursos disponíveis às escolas; de elevado tempo de reação visando à organização do ensino remoto, comparativamente às demais escolas; de média elevada de dias parados; e de poucas alterações na infraestrutura disponível” (LIMA; SANTOS, 2022, p. 212). Feito essas observações, destacaremos o passo das entrevistas.

Etapa 02 – Pesquisa de Campo. Entrevistas Um dos elementos que compõe o instrumental da pesquisa é a entrevista. Como mostra Gaskell (2013), a prática da entrevista é amplamente útil nas pesquisas qualitativas. Como tais, emergem do contexto e da prática investigativa inúmeras formas de se perceber e produzir entrevistas, Entrevistas Episódicas (FLICK, 2009; 2013); Entrevistas Focais

(GASKELL; 2013) entrevistas Semiestruturadas e outras que mostram a diversidade de entrevistas como mecanismo capaz de produzir dados para determinadas pesquisas. Estudos produzidos por Gaskell (2013) a respeito da utilização mostra que a entrevista fornece os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão detalhada entre atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão de atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2013, p. 64). Sob o efeito desta perspectiva, a entrevista, pode ser entendida como uma técnica que tem o poder de fazer dizer a verdade que, entranhada nas pesquisado, salta para fora mediante as sábias perguntas do pesquisador. Por outro lado, outro efeito da suposta objetividade e neutralidade do universo pesquisado, impele levar, para esta perspectiva, certo grau de receio e desconfiança quanto à narrativa do entrevistado. A este respeito o autor mencionado, compartilha a ideia de que o pesquisador, ao instituir a entrevista enquanto prática metodológica, [...] deve sondar cuidadosamente mais detalhes do que aqueles que o entrevistado pode oferecer em uma primeira resposta a pergunta [...] as informações conseguidas a partir de um conjunto de entrevistas que podemos chegar a compreender os mundos da vida dentro de um grupo.

Para Silveira (2007) faz necessário [...] olhar as entrevistas como eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise (SILVEIRA, 2007, p. 118). Esta forma de compreender a entrevista está ligada ao fato de que nós somos “[...] sujeitos culturalmente construídos, circunstancialmente situados quer como entrevistadores, quer como entrevistados”. No âmbito da pesquisa, foi realizado uma entrevista com o professor indígena Roberto Gavião. É importante destacar que a entrevista foi realizada na escola indígena da Aldeia Castanheira. Destaca-se ainda que o desenvolvimento do projeto foi impactado pela falta de financiamento, pois, sem recursos para transporte e descolamento, não foi possível realizar todas as ações planejadas, ficando para um segundo momento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como destacado, a pesquisa em tela foi realizada em uma aldeia do povo indígena Gavião que habilita a Terra Indígena Igarapé Lourdes no município de Ji-Paraná – RO. Conforme mostra Neves (2009), os Gavião se

[...] se identificam como Ikólóéhj, que significa Gavião na língua indígena. Constituem uma sociedade composta [...] em várias aldeias: Ikólóéhj, Nova Esperança, Castanheira, Cacoal, Igarapé Lourdes, Ingazeira, dentre outras, com localização na Terra Indígena Igarapé Lourdes no município de Ji-Paraná, Estado de Rondônia na Amazônia brasileira (NEVES, 2009, p. 120-121).

Além destas aldeias, muitas outras vão surgindo em função das necessidades indígenas. Considerando a amplitude dos espaços e reconhecendo que não teríamos recursos para abarcar todas as aldeias, resolvemos nos concentrar na aldeia Castanheira. Vale destacar que os Gavião são falantes da língua Tupi Monde, sendo essa a língua materna de todos os moradores das comunidades, sendo a língua portuguesa a segunda língua em que os indígenas aprendem. Este povo divide o mesmo território com o povo indígena Arara que junto somam aproximadamente 984 pessoas conforme registro da organização Terras Indígenas do Brasil (2020). A terra indígena Igarapé Lourdes foi homologada pelo decreto 88.609 – de 11 agosto de 1983, possui uma área de aproximadamente 186 mil hectares. O território é constantemente ameaçado por pescadores, caçadores, fazendeiros e madeireiros que retiram deste ambiente produtos de uso exclusivo dos povos indígena. Vale destacar que os indígenas Gavião possuem uma economia baseada no extrativismo, na presença de moradores que ocupam a função de professores, agentes de saúde, além de gestores florestais que contribuem para a sobrevivência do grupo. Vale destacar que foi neste contexto que foi realizado a pesquisa.

A entrevista realizada foi construída no âmbito da escola indígena Maguvéhj. Após explicação sobre os objetivos do estudo, bem como, demais procedimentos, fomos recebidos pelo professor Roberto que atua na escola e que possui uma ampla experiência no campo da educação escolar indígena. A aldeia Castanheira é uma das maiores aldeias do povo Gavião, lugar onde existe uma concentração expressiva de famílias indígenas. A aldeia possui um total de 200 moradores indígenas. Vale ressaltar que a escola é multissecional, atendendo crianças do primeiro ao quinto ano. Hoje estudam um total de 40 crianças na escola, muitas vêm de outras aldeias pois, existe um ônibus que faz o deslocamento destas crianças até a escola da aldeia Castanheira. Vale ressaltar que a escola possui duas salas de aulas e funciona com dois professores, sendo que ambos os docentes colaboraram com a pesquisa.

3.1 PROBLEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Como já destacamos, passaremos a expor o contexto a escola indígena investigada em sua relação com a pandemia de Covid – 19. Buscaremos demonstrar os desafios enfrentados durante esse período. Para isso, faremos um diálogo com os materiais lidos para o estudo.

Ao elaborar o campo de pesquisa e entrevista junto ao professor Roberto, queríamos entender alguns aspectos do ensino na aldeia durante no auge da pandemia. Um aspecto ressaltado pelo professor esta diretamente ligado aos sentimentos no início da pandemia, pois era um evento desconhecido e que causava muito medo, pois como sugere o professor:

foi um grande impacto dessa doença a gente ouvia falar que era uma doença que surgiu lá na china, a gente já ouviu falar que a doença chegou no Brasil que a doença chegou na comunidade indígena e foi assim um grande problema mesmo dentro das comunidades indígenas. Agente foi assim orientado pela nossa capacidade e mesmo assim a gente teve algumas necessidades de precisar sair para a cidade e a gente ia para cidade e acabou trazendo, tendo contato com a gente trouxe o vírus através desse contato. Foi um grande problema mesmo que pegou vários parentes. Quem foi para cidade não voltou e quem ficou na aldeia eu acho que sim se ele fosse para cidade não votaria mais e quem foi não voltou. (Professor Roberto, entrevista, 2023).

É importante destacar que o professor Israel, ao efetivar uma compreensão deste processo expõe aspectos muito próximos aos destacados pelos professor Roberto. Para este colaborador da pesquisa, a questão da pandemia foi muito prejudicial, pois como destaca o professor “as aulas durante a pandemia foi difícil até porque a gente não conseguiu trabalhar o suficiente devido esse vírus que afetou o nosso país, o nosso município e a comunidade e isso dificultou o trabalho” (Professor Israel, entrevista, 2023).

A emergência das informações que chegaram, muitas delas sem um amplo conhecimento do que estava acontecendo, causou um medo muito grande na comunidade. Mesmo diante do medo, muitos moradores precisaram sair de suas aldeias em busca de algum recurso da cidade, momento em que foram contaminados e acabaram levando a Covid para as aldeias. Esses episódios, traz à lembrança de dias terríveis para os indígenas, pois como constata Santos at al (2021),

Epidemias de doenças infecciosas e parasitárias têm sido trágicas recorrências ao longo dos cinco séculos da história da relação entre os colonizadores e os povos indígenas no que é atualmente o território brasileiro. E não são eventos de um passado distante. Persistem na memória individual e coletiva de muitos povos que, não muitas décadas atrás, sofreram os efeitos de doenças associadas ao contato (SANTOS at al, 2021, p, 02).

É importante lembrar que os Gavião é um povo que teve grande parte de sua população dizimada por doenças no século XX (NEVES, 2009). Muitas dessas doenças, tais como gripes, malárias e outras, produziram uma perda irreparável, eventos esses que causaram ainda mais pavor e medo nos Gavião ao verem inertes frentes ao vírus de Covid – 19 e sem o apoio que esperavam ter. Em relação aos impactos da COVID-19 na escola, os relatos do professor evidenciam o seguinte:

Em relação ao trabalho na escola não teve aula aí na escola ficou fechada não teve aula. A gente não teve contato com nenhuma criança durante o tempo da pandemia, principalmente quando estava bem forte nas Aldeias. Foi assim, os alunos ficaram sem contato com a escrita acho que por quase um ano ou mais ficou paralisado, que fechou mesmo a escola e a gente não teve apoio também da secretaria eu acho que é por motivo de não ter a estrutura poderia dar aula conversar com os alunos através da tecnologia n como fez nas escolas da cidade.(Professor Roberto, entrevista, 2023).

parou as aulas e ficou suspensa, se eu não me engano um ano ou dois anos, não lembro, mas acho que foi. As aulas ficaram suspensas, prejudicou muito, tanto o nosso trabalho de professor e também o aluno. O aluno ficou bastante tempo parado, o professor também. Levou um pouco de prejuízo mas por um momento a gente achou que isso não podia ser assim. (Professor Israel, entrevista, 2023).

Os registros e estudos que estão sendo desenvolvidos sobre o impacto da pandemia nas escolas indígenas corroboram com a afirmação do professor, pois há uma similaridade na forma de como a escola indígena foi abandonada a própria sorte.

A pandemia do covid-19 mudou muito a forma de ver o mundo e principalmente houve um impacto muito grande na educação. Nas escolas urbanas houve estratégias, mesmo que frágeis para dar continuidade ao processo escolar, foram acionadas alternativas de aprendizagens a distância e para minimizar os impactos do fechamento das escolas nesse período de pandemia, foi implantado o ensino remoto e com o ensino remoto veio uma série de fatores que prejudicam o ensino de qualidade da educação. Entre esses fatores, podemos destacar a execução de atividades para os próprios educadores que se encontravam sobrecarregados com a elaboração de atividades remotas e também na orientação do uso dos instrumentos digitais, porém muitos alunos não tinham o contato com esses instrumentos. Havia atividades impressas que eram semanalmente enviadas ou os pais poderiam pegar nas escolas, porém nada disso aconteceu na escola indígena.

Os estudos que lemos, mostraram que um dos desafios encontrados pelos professores indígenas foi a comunicação a distância, pois a internet na aldeia é, quando possui é uma internet via rádio e nem todos. Em algumas aldeias e terras indígenas, houve tentativas de levar adiante a escola via aulas remotas, é o que aconteceu com os Terenás no Mato Grosso do Sul, onde as autoras Fialho; Santos; Nascimento (2021) falam que uma das maiores dificuldades do foi a realização das aulas remota por causa da internet lenta via rádio e que nem todos os alunos possuem essa internet, por isso o método remoto não deu muito certo na aldeia, as atividades impressa entrega na escola para os alunos também não deu muito certo pois muitos pais não entendiam o que estava sendo solicitadas nas atividades e não conseguiu orientar os seus filhos.

Conforme as autoras, a pandemia mudou toda a estrutura do cotidiano, seja da cidade, do campo e da Aldeia. Outra questão, revelou a real desigualdade de acesso aos serviços de ensino

principalmente mostrando as vulnerabilidades e enormes fragilidades do ensino público no Brasil especialmente das escolas indígenas.

O estado e os municípios propuseram que as escolas e os professores desenvolvessem atividades remotas mas esqueceram a verdadeira realidade de muitas escolas. Principalmente as escolas indígenas onde a internet oferecida para o suporte de desenvolvimento das videoaulas são extremamente lentas e nem todos os alunos e professores possuem computador ou internet em suas casas. (FIALHO; SANTOS; NASCIMENTO, 202, p. 48)

A pandemia deixou evidente as enormes desigualdades que as escolas e o ensino possuem e isso deve ser visto como aprendizagem para mudar essa realidade principalmente a realidade da educação indígena. Um outro aspecto abordado pelo professor, refere-se ao modo de como a escola não recebeu apoio do Estado naquele momento dramático.

a gente não teve nada disso, não a gente não teve encontro, não teve capacitação, não teve orientação, eu não vou mentir, nem pela internet por nada a gente ficou bem isolado mesmo. Nós ficamos sem contato com nada principalmente. Quem deveria orientar a gente como fazer com os alunos não chegou, a gente ficou assim, bem afastado mesmo, bem distante. Mas você é cobrado você é cobrado mesmo, assim, ajudar que é bom não é ajudado como como fazer com a com trabalho, como desenvolver um trabalho dentro da comunidade e a gente ficou assim bem perdido mesmo porque a gente não entendeu a orientação de informação de como fazer com os alunos e antes da pandemia os alunos estudando todo dia fazendo suas atividades e quando estiver essa doença quando essa pandemia aí paralisou né. (Entrevista 2023).

Como é possível observar, um dos problemas causados pela falta de apoio e estratégias durante a Pandemia foi o retrocesso na formação dos estudantes que ficaram parados no tempo. Muitos destes estudantes, conforme o relato ficaram por mais de um ano sem contato com a leitura e a escrita. Não houve apoio do Estado que não ofereceu suporte e nem mesmo a formação docente para superar ou mesmo amenizar os impactos da falta de aulas. Esse evento mostrou que existe uma grande diferença e distância em relação aos investimentos educacionais e tecnológicos entre os indígenas e os não indígenas, entre as cidades e as populações tradicionais. Esses fatos são corroborados pelos relatos, pois conforme é possível observar:

Os alunos não avançaram de série, aí quem estava na terceira série a gente não podia fazer nada não podia fazer não podia passar o aluno sem ele ter as aulas e as atividades, mas a gente conversou com ela com a equipe da secretaria aqui do setor de Ji-Paraná é a gente fez uma umas atividade relacionada a essa esse vírus com os alunos aí a gente conversou para a gente pensar de como fazer com esses alunos como, quando eu trabalho na com meus alunos eu acho que eu tenho direito de passar, a gente começou com eles aí eu acho que se eu não me engano a gente pelo menos aqui do Gavião dos nossos alunos dois anos é porque não teve contato nenhum com a escola com a leitura.

Os eventos mostraram a necessidade de investir em tecnologias nas escolas indígenas assim como nas escolas urbanas. Além disso, demostrou a necessidade de oferecer curso de capacitação e ampliação do conhecimento dos professores indígenas e também dos alunos para que se possa ter uma escola de melhor qualidade mas também, e por meio dessa pesquisa pode se notar o quanto sucateado está em educação indígena e também pode-se expor a falta de compromisso dos governos com a educação dos indígenas quando o assunto é equiparar de forma igualitária o acesso com qualidade.

4 CONCLUSÃO

Conforme foi explicitado, no primeiro momento fizemos uma leitura de alguns materiais que ajudaram a pensar a pesquisa. Foi importante perceber que a realidade das escolas indígenas no Brasil são parecidas, ou seja, as escolas são em sua maioria abandonadas e existe poucas políticas públicas destinadas a essa escolarização.

No caso da escolarização indígena Gavião durante a pandemia, foi possível verificar que pouco foi feito para superar as desigualdades a que as crianças indígenas foram submetidas. No primeiro momento houve muito medo por parte dos indígenas da doença pouco conhecida, seguindo do fechamento total da escola por um período muito longo. Este fechamento não foi acompanhado pela Secretaria Estadual de Educação que não ofereceu aos professores indígenas suporte para que continuassem o trabalho remotamente.

A continuidade da educação foi interrompida porque não havia suporte tecnológico, computadores, celulares e internet para os estudantes continuarem os estudos, mesmo assim, poderia ter sido feito a impressão de atividades com acompanhamento individual dos estudantes, porém não houve suporte. Conforme foi relatado, as crianças passaram muito tempo sem acesso a leitura e a escrita, situação que poderá trazer prejuízos as futuras gerações, pois sabemos da importância da escola para a vida indígena.

Outra questão que buscamos expressar, refere-se ao objetivo que tínhamos que era mapear as legislações e aspectos legais que buscaram amparar o ensino para os povos indígenas durante a Pandemia. Sobre esse objetivo, o tempo não foi suficiente para aprofundamentos, o que ficará para a continuidade do estudo que não se esgota com este relatório.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Ricardo Ventura; PONTES, Ana Lucia; COIMBRA JR, Carlos E. A. **Um “fato social total”: COVID-19 e povos indígenas no Brasil.** Cad. Saúde Pública 2020.

FIALHO, Cibele Francelino; SANTOS, Aparecida de Sousa dos; NASCIMENTO, Elisangela Castedo Maria do. **O impacto da pandemia na educação escolar indígena da Aldeia Limão Verde no município de Aquidauana, MS.** Tellus, Campo Grande, MS, ano 21, n. 46, p. 33-52, set./dez. 2021.

COSTA, Darlete Menezes da; TRINDADE, Josiney da Silva; BEZERRA, Luiz Carlos. Educação Escolar Indígena e Pandemia da *Covid 19*: percepções de uma professora da “Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu”. **Revista Pedagógica**, v. 24, p. 1-24, 2022.

LIMA, Márcio Alexandre Barbosa; SANTOS, Robson dos. **Impactos da Pandemia na Educação Escolar Indígena.** Cadernos de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais, 2020.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhas investigativos II: outros modos de pesquisar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura Escrita em Contextos Indígenas.** 2009. 369 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual de São Paulo. UNESP, São Paulo, 2009.

BACKES, José Licínio. **A negociação das identidades/diferenças no espaço escolar.** 2005. 304 f. tese (Doutorado em Educação) Centro de ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre a revolução cultural de nosso tempo. **Educação e Realidade.** v.22, n.2, p. 15-46, Ju./Dez. 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASKELL, George. Entrevista individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2013.